

PROCEDIMENTOS DE EXPANSÃO DO TÓPICO EM ENTREVISTAS

Paulo de Tarso GALEMBECK (UEL)

ABSTRACT: *This paper discusses the procedures used for the topic maintenance in the asymmetrical interaction (interviews). The text is composed by two parts: in the first, are presented the concepts of topic anaphora or coreference, and are showed its two principal modalities of anaphora, the total anaphora and the partial one. The second part deals with the anaphoric terms and its role in the topic expansion.*

KEYWORDS: *Spoken language; dialogue; topic; anaphora.*

0. Introdução. Este trabalho trata da presença de termos anafóricos em diálogos assimétricos, com a finalidade de discutir o papel desses termos na manutenção do tópico conversacional. A exposição compõe-se de duas partes: na primeira, são expostos os conceitos de tópico e de anáfora, e este último fenômeno é discutido a partir de suas duas formas principais: a anáfora total (correferência em sentido estrito) e a parcial (anáfora associativa).

O corpus do trabalho é constituído pelas entrevistas (diálogos entre dois informantes) pertencentes ao arquivo do projeto NURC/SP e publicados em Castilho e Preti, 1988.

1. O tópico discursivo e suas características

1.1 Conceito e característica do tópico discursivo. O tópico discursivo pode ser considerado como um dos elementos essenciais na produção da fala e, por conseguinte, dos estudos de Língua Falada, por abranger dois aspectos, ou melhor, dois princípios fundamentais para o estudo da fala: o princípio fundamentador e o organizador. O primeiro deles relaciona-se com o fato de o tópico (aqui entendido como idéia, assunto, alvo) constituir o ponto referência ou, simplesmente, o referente (idéia, assunto, alvo), algo imprescindível para a elaboração da fala. O princípio *organizador*, por sua vez, diz respeito ao próprio desenvolvimento dos referentes. Antes de aprofundarmos estas idéias, é interessante observar o que dizem os autores:

Fávero (1999), ao analisar a coesão e coerência textuais, afirma haver, de modo geral, coerência no texto conversacional. Porém, por este último obedecer a processos de ordem cognitiva “muitas vezes se torna difícil detectar as marcas linguísticas e discursivas dessa coerência, pois ela geralmente não se dá com base nas marcas, *mas na relação entre os referentes: daí a importância que a noção de tópico e de desenvolvimento dos tópicos na conversação vem adquirindo ultimamente*” (Fávero, 1999: 93, Grifo nosso).

Marcuschi, em sua *Análise da conversação*, ao discutir a organização do tópico, coloca que “só se estabelece e se mantém uma conversação se existe algo sobre o que conversar, nem que seja sobre futilidades ou sobre o tempo, e se isto é conversado”. É a isso que se refere Goffman, quando sugere que uma conversação é uma “interação centrada” (Marcuschi, 1986: 77). Brait também compartilha dessa idéia: em suas palavras, o tópico discursivo é “parte constitutiva do texto oral na medida em que os interlocutores só podem se relacionar a partir da presença desse aspecto” (Brait, 1993: 209).

Jubran *et alii*, por sua vez, acrescentam que a noção de tópico define, além da idéia de Goffman acerca da conversação como uma “interação centrada”, o seu – da conversação – movimento dinâmico, fazendo do próprio discursivo “um elemento decisivo na constituição do texto oral, e a estruturação tópica serve como um fio condutor da organização discursiva” (Jubran, 1993: 360).

A partir dessas verificações, percebe-se que a noção de tópico está sendo elaborada segundo uma perspectiva discursiva, no âmbito do texto/discurso. O tópico é definido por Brown e Yule (1983) como “aquilo do que se está falando”, mas ele (o tópico) só pode ser compreendido dentro do processo interacional, já que a interação interfere diretamente na seqüência tópica. Jubran, em seu pormenorizado estudo acerca do tópico, estabelece essa convergência de atenção a um determinado assunto como reveladora do primeiro traço básico identificador do tópico discursivo: a **centração**. O segundo traço identificador do tópico discursivo é o fato de este poder dividir-se em tópicos mais específicos ou de menor abrangência, que, contudo, mantêm entre si uma relação de interdependência, característica denominada **organicidade**.

Cabe acrescentar que os discursos falado e escrito apresentam diferenças no que diz respeito à organização de desenvolvimentos tópicos. A conversação desenvolve a dinâmica tópica interativa (ou seja, com monitoramento local), ao passo que o texto escrito segue um processo enunciativo mais calculado, pois as suposições e inferências possibilitam um planejamento de maior abrangência. Essa diferença decorre das diferentes condições de produção de ambas as modalidades de exteriorização linguística: a oralidade ocorre em tempo real, ao passo que na escrita existe uma defasagem temporal entre a produção e a recepção.

2. Anáfora

2.1 Conceito de anáfora. Bechara (2002: 49), define antitaxe ou substituição como uma propriedade segundo a qual uma unidade presente na cadeia falada (de modo real ou virtual) pode ser retomada ou antecipada por outra unidade ou por zero. O citado Autor ainda acrescenta que pode haver a retomada ou substituição de apenas parte de uma dada unidade.

Bechara cita, como exemplo característico de antitaxe, os pronomes que representam lexemas (palavras ou grupos de palavras). Incluem-se nesse grupo os chamados pronomes neutros (isto, isso, aquilo), que representam um lexema virtual, nos casos em que se referem a um fato, uma circunstância, uma situação.

A retomada de um lexema é o caso mais representativo da antitaxe, mas não é o único, já que – ainda segundo o citado Autor – essa propriedade possui uma amplitude muito maior. Com efeito, essa propriedade está presente em todos os estratos gramaticais (1) e se manifesta tanto desde os âmbitos da oração e do texto (é o caso de sim ou não, ou ainda, de um pronome, que condensam uma resposta), até o nível dos componentes do sintagma (é o caso do apagamento de preposições, como em “mesa de madeira e (de) metal”).

O texto também menciona duas modalidades de antitaxe: o material, em que o elemento substituído tem a mesma função do substituído (por exemplo, o apagamento de preposições ou, ainda, do sufixo adverbial, em “fria e secamente”), e a funcional, caracteriza por um papel definido no plano da interação. A anáfora nominal (retomada de um referente já citado), possui uma dimensão material (verificável, sobretudo no apagamento dos sujeitos idênticos), mas é antes funcional, já que a retomada do referente está ligada à expansão do tópico.

2.2 Modalidades da anáfora. Já se disse anteriormente que a feição mais característica de antitaxe é a retomada de um lexema já citado no texto. E, seguramente, a forma prototípica da retomada de lexema é a relação de correferência, assim entendida a reapresentação de um referente já inserido no texto, mediante o uso de elementos lexicais ou gramaticais. É o procedimento conhecido por anáfora ou correferência, o qual, de acordo com Vilela (1995:355 e ss), compreende três tipos de relações de referência:

- identidade total de referência (por exemplo, entre Maria e ela);
- identidade parcial de referência (entre casa e telhado ou muro);
- relação hiperonímica (entre atacantes e time de futebol, numa referência às posições dos jogadores).

A relação hiperonímica, na maioria dos casos, efetua uma relação de identidade total de referência, de modo que existem duas modalidades de relações de correferência, a identidade total e a parcial. Como assinala Vilela (op. cit.: 356), a identidade parcial é conhecida como anáfora associativa, e sua inserção nos casos de correferência decorre do fato de os conceitos estarem estruturados de modo complexo. Com efeito, a correferência não se limita aos casos de identidade total, pois são igualmente correferenciais as relações entre o todo e as partes, ou entre conceitos afins. A identidade parcial é denominada por Halliday e Hasan (1976: cap. 2), colocação ou contigüidade, como tal entendido o uso de termos pertencentes ao mesmo campo significativo.

O exemplo a seguir evidencia o papel exercido por ambas as modalidades de correferência na retomada do tópico.

(01) (O informante vem discorrendo acerca da vida rural, e a documentadora o interroga acerca da cultura do milho.)

Doc. sim... e e e em relação... ao milho?... lembra que ao ao a
a as etapas... para colher o milho?

Inf. bom o milho:: o milho é uma cultura é um pé vamos dizer
o que me impressionava quando era pequena é que o milho
cresce depressa... então o pé de milho ele se torna um...
um pé grande... em pouco tempo... e depois que ele ficava
verde... é que ele começa então a a::... primeiro o produz
a::... a flor... vamos dizer... e depois a espiga...
agora colhe-se a espiga quando ele está mais seco já

Doc. tem algum indício na espiga?

Inf. não a espiga tem::... bom ela também é ela da mesma
forma que o pé ela... de início é ver/ é verde coberta

com uma casca verde... e depois todo o pé de milho...
bem como a casca da espiga também... ficam secos...
adquirem uma cor assim... amarelo... pálida... aí está na
hora de colher

Doc. e como é... como é que se trabalh com o milho?

Inf. bom depois que se colhe a espiga de milho precisa
descascar também o milho... e que serviço que era feito
manualmente por pessoas mesmo... quer dizer há::/ havia
um::... um:: um sujeito um colono um camarada... que
então ficava sentado numa cadeira... colocava de um
lado... um:: monte de espigas de milho... com casca...
e ia tirando casca por casca né?... de cada espiga...
ah aí fica então a espiga de milho com:: as várias
fileiras de milho... presas na espiga... agora depois disso
pode pôr... colocar num aparelhinho que chama
debulhador de milho

Doc. essa espiga e guardada em algum lugar... ahn antes de
ser debulhada não?

Inf. é... o o:: assim como o café fica na tulha... o milho
fica no paiol

Doc. e essa palha se aproveita?

Inf. a palha: não tem muita finalidade... a::... a única coisa
que:: serve... certamente serve mas não consome toda a
palha... do milho... era para fazer cigarro... né?... mas
isso em:: quantidade/ínfima vamos dizer

(NURC/SP, 018, l. 246-282)

(Os termos sublinhados com um traço indicam os anafóricos totais referentes a milho, espigas e palha; aqueles marcados com dois traços referem-se aos casos de anáfora parcial.)

Verifica-se que as duas modalidades de anáfora já mencionadas participam diferentemente da retomada do tópico: os anafóricos que retomam diretamente o subtópico milho, e também outros referentes, como palha e espiga (correferentes totais) evidenciam as características da planta e o modo como se processa a cultura. Já a anáfora associativa expande o tópico pela adução de dados que permitem inserir o tópico em andamento no universo cognitivo-conceitual dos interlocutores. Com isso, fica evidente que a construção do tópico é um processo multiforme e dinâmico, e é efetuado em várias dimensões e não se confunde com a retomada do mesmo referente em sentido estrito. Com o emprego de termos relacionados, cria-se o espaço comum, partilhado pelos interlocutores, e se estabelecem, de modo efetivo, condições para uma troca entre os participantes do diálogo.

Veja-se também, o texto a seguir:

(02) (O informante discorre acerca de três museus de diferentes cidades da Europa: o Louvre, em Paris; o Prado, em Madri; o Fizi, em Florença.)

Doc. e qual a diferença básica (que haveria) entre esses três museus?

Inf. bom... em todos os três museus onde eu tive oportunidade
de estar... há obras não só de artistas nacionais como de
toda a Europa... ah:: então é difícil nos estabelecermos
uma distinção entre os museus talvez o Louvre seja mais
completo... porque ele tem a arte desde a arte fenícia desde
antiga... Grécia... até a arte:: moderna... principalmente
dos grandes expressionistas... ah:: peças que a gente vê
também no Prado... e não vê tanto... nesses museus onde
eu tive oportunidade de estar na Itália... Florença tem um
museu célebre que o Fizi... e:: e tem... telas lindas... tem::
ah:: peças de de:: escultura muito bonitas inclusive o:
David de Michelangelo está lá... e:: se eu não estou
enganado hein... ((risos)) e:: em:: em Paris você vê a
Vênus de Milo... você vê a:: a:: Gioconda... então eu não

sei.. eu gostei DEMAIS do museu de Louvre... e:: me tocou muito mais o que eu... vi no Louvre do que nos outros museus apesar de que:: não se pode... a rigor... fazer uma distinção tão grande entre eles...

(NURC/SP, 137, l. 161)

O tópico do segmento (museu) é retomado por reiteraões, pelos nomes de cada museu, pelo pronome eles. Esses são os casos de correferencialidade estrita e, por meio deles se expande diretamente o tópico. Mas há que levar em conta também os termos associados (correferencialidade em sentido amplo), que criam os efeitos, ocorre a interação do tópico ou subtópico em andamento com outros tópicos já discutidos e o próprio conhecimento partilhado pelos interlocutores. Cria-se, pois, uma implicação entre as informações novas e as velhas, e ela permite atribuir relevância aos assuntos discutidos e reforçar os assuntos tratados. Esse reforço, aliás, não ocorre de forma aleatória, já que ele possibilita a inserção das informações no universo partilhado pelos interlocutores. Lembre-se, a esse respeito, que os termos anafóricos não retomam o referente em si, mas recuperam o referente já inserido no espaço mental dos interlocutores.

A inclusão da anáfora associativa entre os processos que asseguram a manutenção do tópico decorre das postulaões de Koch e Marcuschi (1998), segundo as quais a discursivização ou textualização do mundo por meio de linguagem não consiste em um simples processo de (re) construção do próprio real. Há uma reconstrução contínua da realidade, estabelecida sobretudo pela forma como interagimos com ele. Há uma interação com o entorno físico, social e cultural, e não uma retomada linear dos objetos do mundo. Por isso mesmo, há que considerar as duas modalidades de anáfora, pois ambas contribuem decisivamente para a criação do contexto partilhado.

Todo discurso constrói uma representação que é essencialmente dinâmica, e constitui a memória discursiva ou modelo contextual. Essa memória discursiva constitui uma memória compartilhada e é publicamente alimentada pelo próprio discurso, nos diversos estágios da sua construção (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1998: 228).

Cabe considerar, ademais, que ambas as formas de anáfora atuam como formas de remissão e elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo co-texto precedente. Dessa forma, elas participam alocação ou focalização do referente, à medida que ativam a memória operacional dos interlocutores. Nesse processo, cria-se o entorno cognitivo-conceitual para que as informações relevantes sejam como tal compreendidas pelos interlocutores.

Predominam, no cópuz, as ocorrências em que os anafóricos (totais) são representados por reiteraões, elipse e pelo pronome ele: esses anafóricos correspondem a, respectivamente, 41%, 23% e 21% dos casos levantados. Esse predomínio é devido, inicialmente, ao fato de os demais anafóricos (sobretudo sinônimos, hipônimos e hiperônimos) serem mais próprios do discurso formal, no qual há uma consciência maior dos meios expressivos utilizados. Os três tipos de anafóricos citados são, pois, localmente, no momento de sua execução. Além disso, as reiteraões constituem recursos eficazes para manter o tópico sempre em evidência, para mostrar que o assunto em pauta está suficientemente claro.

As demais formas de anafóricos totais apresentam uma porcentagem bastante reduzida, correspondendo, no conjunto, a 15% das ocorrências. Vejam-se alguns exemplos:

- sinônimos:

(03) (O informante trata da fase final do governo João Goulart.)
... em:: dezembro de sessenta e três... quando agitaões::s comunistas e agitaões operárias que havia na ocasião... meu pai... foi posto PRA FORA da fazenda... por agita/ por agitadores... operários... esses trabalhadores rurais sindicatos rurais tudo aquilo então eles... tomaram conta da fazenda... fizeram a divisão entre Eles brigaram SE MATARAM... daí o::... na fazenda mas por sorte NÃO mexeram na nossa casa... nessa ocasião meu pai estava morando em Piracicaba... quando veio a revolução ele disse “se for pra fazer a revolução vou fazer a revolução na minha... casa na minha fazenda!... tomou o carro foi... para a fazenda... mas por sorte a revolução foi... tão eficiente e

tão rápida que quando ele chegou lá os agitadores já tinham todos desaparecidos... e a fazenda estava praticamente abandonada... o algodão que ele mandou
(NURC/SP, 208, l. 122-137)

- nome genérico:

- (04) *Doc.* e pra um trabalhador que não tem grau de escolaridade quais as chances de trabalho que ela a/... que ela pode achar?
Inf. olha... hoje em dia... está meio difícil isso... essa pessoa... uma pessoa assim sem escolaridade... ela vai cair nu::ma faixa de mi/ de salário mínimo... e ela precisará... ter... pelo menos um curso de especialização dentro da profissão Dela... e sem escolaridade ela não consegue... porque... mesmo que seja... o mecanismo da profissão ela vai ter... que ler... que aprender certas a teoria da coisa... então eu acho que... a faixa... hoje em dia de nível... pra sem escolaridade... a pessoa está num nível de salário mínimo mesmo... ela não... tem muito pouca chance... porque os que já são... com escolaridade estão procurando mais...
(NURC/SP, 251, l. 80-93)

- hiperônimos:

- (05) *Inf.* ... eu acho que o que o leva até a falta de escolaridade... é:: a:: é a:: pessoa precisar trabalhar... então ela larga ela não tem condições de trabalhar o dia inteiro e estudar... entoa ela larga então... resultado... volta né?... então larga às vezes um... até quanto por exemplo quando tem quatorze anos é *office-boy* está MA-ra-vilhoso “oh quatorze anos é um *office-boy*”... depois ele não consegue estudar ele continua *office-boy* então com vinte e CINco... já é pavorROso... um homem de vinte e cinco anos ser um *office-boy*... então... são essas profissões... que levam a falta de escolaridade... esses operários braçais também né?
(NURC/SP, 251, l. 146-158)

3. Comentários conclusivos. Este trabalho procurou evidenciar que ambas as modalidades de anáfora estão ligadas à criação e manutenção do contexto cognitivo-conceitual dentro do qual se desenvolve o tópico. Mostrou-se, a partir dos exemplos citados, que a anáfora (ou correferência) não retoma diretamente os seres reais, mas referentes discursivos, inseridos no modelo contextual dos interlocutores. É essa inserção, aliás, que possibilita a criação do universo comum partilhado pelos interlocutores, requisito essencial para a interação.

RESUMO: Este trabalho discute os procedimentos usados para a manutenção do tópico na interação simétrica (entrevistas). O texto é composto de duas partes: na primeira, são expostos os conceitos de tópico e anáfora (ou correferência), e este último fenômeno é discutido a partir de suas formas principais: a anáfora total e a associativa. Na segunda, discutem-se os termos anafóricos e o papel dos mesmos na expansão tópica.

PALAVRAS-CHAVE: Língua falada; diálogo; tópico; anáfora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. “*Construction de la référench et stratégies de désignations*”. In: BERRONDER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (eds.). Du syntagne nominal aux objets du discours. Neuchâtel: Université de Neuchatel, p. 227-271,1995. BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, p. 189-214,1993.
- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. London: Oxford Press, 1983.
- CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. III. Diálogos entre informante e documentador. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.
- _____. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. II. Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi *et alii*. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. v. II. Níveis de análise lingüística. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, p. 357-397,1993.
- _____. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. v. III. As abordagens. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, p. 61-74, 1994.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. “*Processos de referência na produção discursiva*”. Delta, 14: 169-190 (Número especial), 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance*. Communication and cognitions. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1986.
- VILELA, Mário. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1995.